

QUINTA-FEIRA
Lisboa--20 de Junho--1929

sempre
5
1929

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

161



sempre
fi

semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDAÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Os trez novos imortais



O dr. Sousa Lourenço, do «crédito» predial, foi substituído de um «código» de justiça; e dr. Dias Ferreira, tão notável no «fôro», não podia ficar de «fôra», e o valor do comandante Quirino da Fonseca não ficou «a vêr navies».



Os ditos da semana



Malucos Um professor do collegio de Sciencias Sociais de Paris imaginou ter descoberto que os autores das grandes obras de arte estão loucos quando as produzem. Das grandes e das pequenas. Todos os autores são doidos. Todos sem excepção de um só. Wagner era maluco—um maluco com a mania da pancadaria como o Pintor, e é por isso que a maior parte da gente—a gente de juizo o não entende.

Camões estava doido quando escreveu os Luziadas. Se o não estivesse não teria cantado e engrandecido e exaltado a patria que o desprezava e deixara ir morrer a um catre de hospital. Do mesmo modo é maluco o poeta Sevilla, cuja obra é motivo de molas e não se dirá que ele tem uma grande obra.

São malucos os futuristas, os intercepccionistas, os cubistas e todos os filiados nessas escolas acabadas em istas, porque quem não for da grei, tambem os não entende.

Dante tinha pancada na mola, nem doutra maneira se compreendia que não tivesse metido no Inferno o resto da humanidade.

É maluco Gabriel Danunzio, tão maluco que deu um olho por Fiume como se Fiume fosse para ele e afinal entregou-o a Italia.

Os grandes artistas são doidos porque os artistas pequenos os não compreendem e são loucos os idiotas que produzem as imbecilidades que todos os dias aparecem em livros e jornaes porque os outros—os grandes—tambem os não compreendem.

O mundo está cheio de ma-

lucos, o mundo é um grande manicomio com ligeiros oasis de juizo que são os manicomios onde a humanidade enclosura os que são diferentes.

E aqui pode aplicar-se uma teoria infalivel e simplicissima:

Todos os que teem cara de malucos são malucos e dos que a não teem metade tambem são.

Falta um logar para o sr. Antonio Cabreira, mas esse anda na lua.

E o verão? Já Junho vae a mais de meio e o termometro conserva-se a menos dum terço. Em Portugal acabou-se tudo, até o calor. Lisboa passou á categoria de praia, entrou no numero das terras de provincia para onde se vae passar o verão.

Começaram as touradas mas não ha moscas. Ha capi-lê mas não ha quem o beba. Vão fechar as fabricas de gelo, vão fechar as casas de refrescos, vão fechar as lojas de leques e já estão fechados os poros da pele de cada um porque a gente já não transpira. Abertas ficam apenas as torneiras dos contadores da agua mas é como se tambem estivessem fechadas.

"Parque das merendas" A direcção do Jardim Zoologico sempre preocupada em render bons serviços ao publico, inaugura no dia 23 do corrente o "Parque das Merendas" que será o recinto predilecto do publico nas tardes de verão. E senão...

O TIGRE DE BENGALA E CHAPEU DE PALHA...



—Porque é que o senhor me dá o braço se eu não sou sua esposa?

—E porque me bate a senhora se o não é?



Papa explicou ao que entre um tigre de "ceias", signi-
fica o tigre e muitos animais domesticos.

Emfim, a peça destes queridos autores até parece a arca de Noé.

Campeonato de box Lisboa, que sempre teve e manteve as suas tradições de terra de trolha, vae ter no dia 30 um espectáculo emocionante: Pierre Charles contra Camarão.

O *Sempre Fixe* confia na victoria do nosso compatriota, porque José Santa é um adversario terrivel e porque é Camarão.

Já, em tempos que lá vão, Raku levou de vencida todos aqueles que ousaram bater-se com ele.

Pequenino, franzino, quasi femenino, Raku inutilisava os seus opositores com a ponta do dedo mendinho. Mas um dia Raku foi ao Porto e comeu orelheira de porco e caiu por terra e foi á cama e esteve á morte, vencido pela orelheira.

E a orelheira de porco sempre é bem menos indigesta do que o Camarão.

Assoaroterapia Está na moda, entre a classe medica, fazer descobertas scientificas, desde que o dr. Asuero inventou a picada no nariz como meio de aliviar a humanidade. E tecem-se louvores e cantam-se hinos e pouco faltará para que se comecem a levantar estatuas. E ninguem tem uma palavra de elogio para o inventor do lenço de assoar que é o maior alivio conhecido para as constipações. A injustiça não pode passar em claro. O *Sempre Fixe* propõe que se lance o primeiro lenço para o monumento a levantar ao celebre inventor da assoaroterapia.



—Como é possível curar as pernas pelo nariz?

—Da mesma forma que quando te pisam um calo é com a boca que tu gritas.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

CHABY PINHEIRO

OS que mourejam pelo teatro, os que por necessidade tem de ser artistas em Portugal, atravessam uma crise espantosa.

Determinada companhia anda pela provincia ha cerca de quatro meses...

Pois bem, Ha dias recebemos do seu actor-empresario uma carta. Fezha com este periodo:

«Em quatro meses de luta ainda não conseguí juntar uns miseros cobres, e no dia 30, quando finalizar o meu trabalho, fico com uma das mãos adiante e a outra...»

E' desolador e é triste! Quatro meses de terra em terra, e no fim nem um descanso que compense!

AFINAL, a musica de «A Rosa Engeitada» já não é do G. de O. Também já não é a A. F. quem faz o papel de «Julia». Também não é a B. J., como se disse. A ultima indigitada é a M. das N. Será? Apesar de tudo, permitimo-nos duvidar...

Consta que o G. F., para melhor cantar a sua parte, val a Roma aprender... O G., a cantar, deve ser muito interessante... Na sua larga galeria de tipos... só esse lhe faltava... cantor...

O T. M. V. está-nos dando muitas surpresas antes de abrir... O que será depois...

HA grahas que nem pelo diabo... Leiam esta:

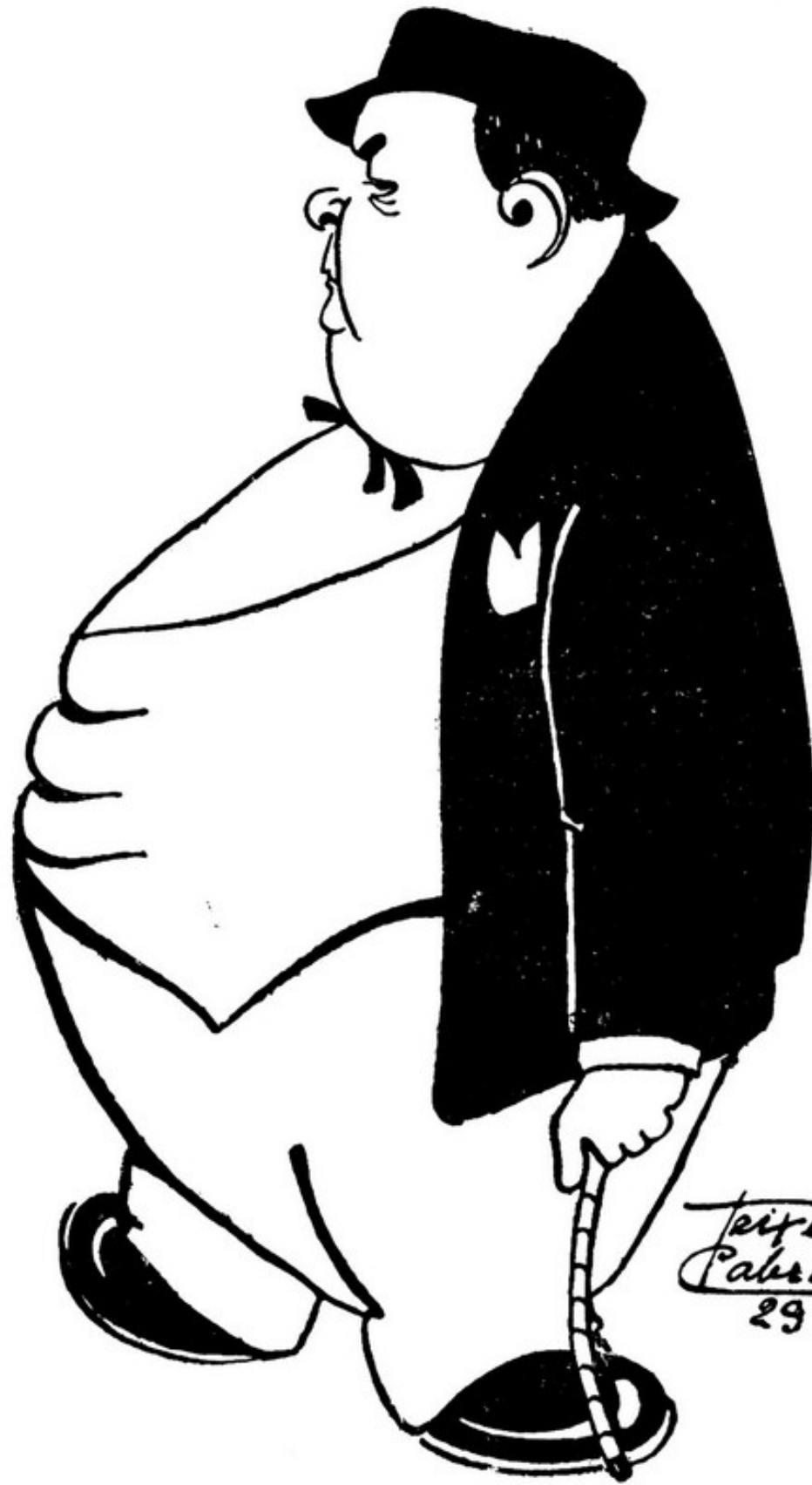
«A companhia Deolinda de Macedo, organizada pelo actor Eduardo Raposo, parte no dia 20 de Julho, a bordo do «Masse», para Lourenço Marques.»

A bordo do «Masse»... «Masse» é «Nyassa»...

E' tal a anela de ir buscar «Masse», que até julgam que a encontram logo a bordo...

OS teatros estão quasi todos... em obras forçadas! Alguns até tiveram de adiar a sua reabertura... E' uma maneira de lavarem a cara. Havla por aí casa de espectaculos que era uma vergonha... A limpezazinha nunca fez mal a ninguém. O publico tambem deve ser bem tratado... Já que lhe não dão bom teatro, dêem-lhe boas cadeiras e comodidade... Já é alguma coisa!

A «disposição de espirito» e a «cova da Placidez» vem sendo edificadas... E' hoje, definitivamente... E' amanhã, definitivamente... E, afinal, não é... Este processo de anunciar parece



Chegou do estrangeiro e vai reaparecer em breve ao publico de Lisboa, no Odeon, na peça «Os dois milhões».
Em vez de dois, desejamos ao grande actor, muitos «milhões», no final da temporada.

nos contraproducente. Enganar o publico com que fim? O publico, dessa maneira, começa a olhar mal para a companhia... Tem logo a impressão de que *aquilo lá por dentro corre sem disciplina...*
 Evitar sempre um adiamento é um grande processo de bem administrar...

O TEATRO português, mais propriamente, o teatro em Portugal, caminha não se sabe para onde... Depois da cambalhota celebre, durante seis

CHEGARAM a Lisboa os esposos Chaby e vão começar os ensaios da peça «Os dois milhões», para inauguração, como teatro, do Odeon...
 Chaby e Jesuina, dois milhões!

VÃO começar, no T. P., os ensaios da revista «Charivari».
 Acabará tudo em «Charivari», como a companhia que lhes antecedeu?

NA revista «Manda quem pode...» obedece quem deve ao J. L.

C. de L., um dos empresarios do T. V., disse segunda-feira, no final do espectáculo, para os seus artistas:
 — E siga a dança... para o T. P...

O 14.º quadro da revista «Manda quem pode» é intitulada:

Meninas casadoi... (cortina)
 Esta cortina, entre parentesis, nas meninas casadoiras, tem realmente graça... Alto lá com estas meninas de cortina...

O AUTOMOVEL da E. L. está transformado em Jardim Zoologico. Já lá vimos um macaco, um papagaio e uma catatua... aos três artistas animais, como diz o reclamel

Não será tambem reclame o passear a bicharada de *conduite*?
 Só falta ver pintado no capot: «Vão logo á noite ver o «Tigre de Bengala» ao Nacional»...

DESCRICAO feita por um critico a determinada sociedade teatral que se formou ha tempo:

«Com grandes dificuldades e sempre lutando, ora com falta de artistas, ora com falta de recursos, mas sempre com falta de espectadores, a sociedade foi-se arastando...» etc.

Este mesmo critico dizia adeante:

«O teatro é baixo e estreito, e os actores, pois que as actrices são poucas e feias, estão abaixo da critica...»

Como vemos, não se pode ver mais claro... Não são precisas entranhas para se perceber...

O Homem das 5 horas

«Três artistas-animais tomam parte na representação da peça «O Tigre de Bengala», que sobe á scena no proximo sabbado no T. P. — um macaco, um papagaio e um papagaio que vivem tranquilamente na casa do antigo proprietario colonial Jeronimo Batalha do Carmo, personagem que será composto admiravelmente pelo eminente actor A. de A.»

Dois homens amáveis

Clémenceau, o «Tigre», esse espírito formidável que salvou a França, detesta os jesuítas e, julgo mesmo, que toda a sorte de religiosos.

Pois no gabinete de trabalho de Clémenceau, situado num rez-do-chão, não penetrava luz suficiente porque uma árvore do convento do lado o impedia.

O «Tigre» aborrecia-se com o facto e, certa vez, queixou-se a um amigo que, ouvido o queixume, lhe retorquiu:

— Mas porque não pede aos seus vizinhos para que pedem a árvore?

— Como assim?! Trata-se dum convento e não serei eu quem lhe faça o mínimo pedido.

— Então... escrevo-lhes eu.

Algum tempo depois, Clémenceau teve a alegre surpresa de ver o seu gabinete de trabalho iluminado pelo sol.

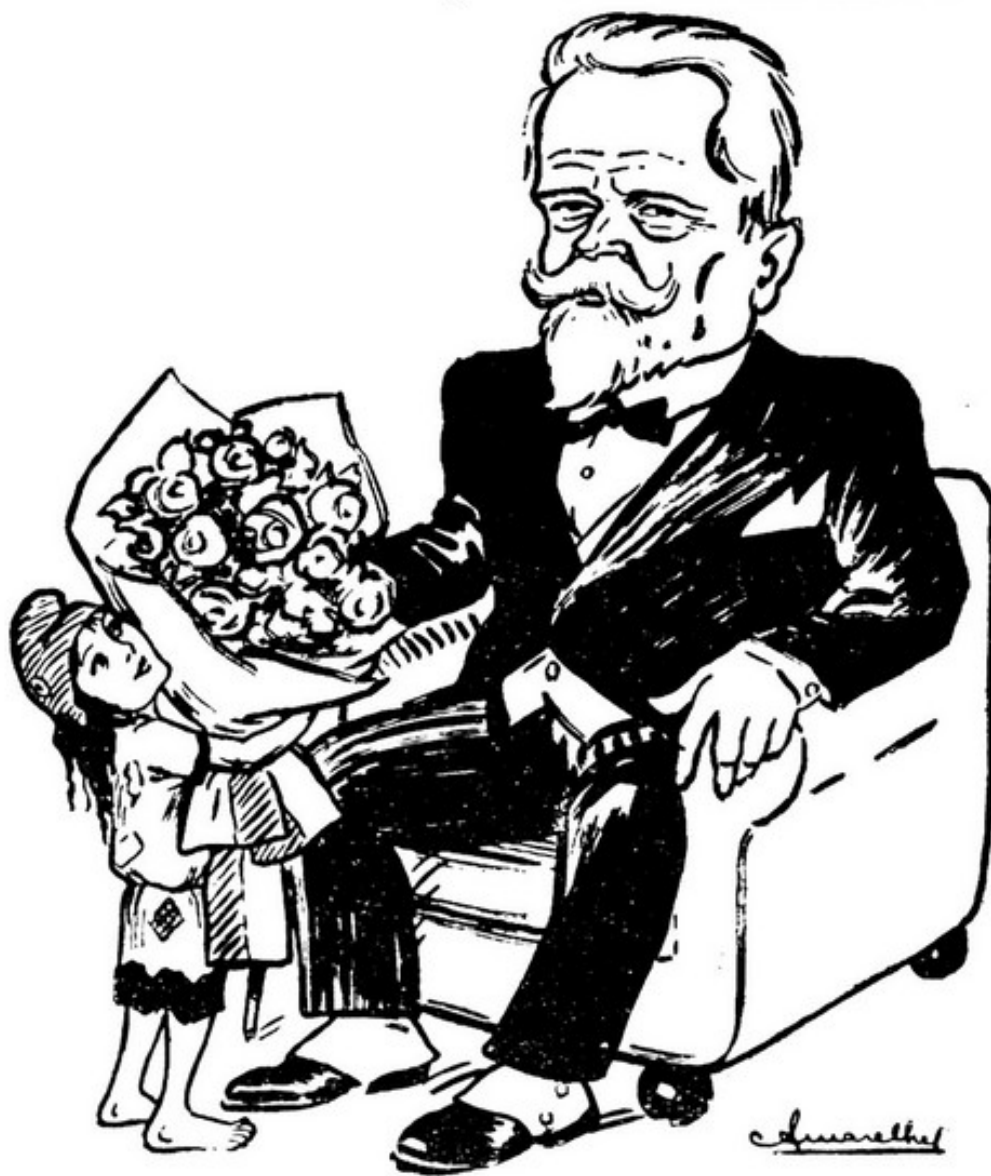
— Que sucedeu? — perguntou.

— Pedi ao padre — respondeu o amigo — que cortasse um pouco a árvore, porque isso representaria para Clémenceau um grande serviço. E, em lugar de a pedarem, deitaram-na por terra.

Resposta do padre:

«Meu filho: — Que se não deve fazer pelo pai da vitória que salvou a França? O serviço que lhe prestei é insignificante e a sua bondade exagero. Não o deve surpreender o facto de lhe chamar meu filho, por isso que, afinal, acabo de lhe abrir o coração.»

Dr. Antonio José d'Almeida



Ó Sempre Fixe saúde o venerando republicano, a quem deseja ardentemente um pronto restabelecimento.

Maneira eficaz da exterminar os mosquitos

Agora que o verão se aproxima, cremos de uma grande utilidade dar a conhecer aos nossos leitores a maneira mais eficaz de exterminar esses simpáticos insectos que se fariam de maçar-nos e que dão pelo nome de mosquitos.

Vamos á receita:

1.º — Apanham-se com o maior dos cuidados os mosquitos mortos, para que se não escapem. Depois, o melhor é amarrá-los pela cabeça com uma corda de embarcação e penduram-se numa árvore. Claro que os mosquitos nesta posição morrem enforcados com dois ou três metros de lingua de fóra.

Esta maneira de exterminar os mosquitos não é muito aproveitável em países civilizados como o nosso, porque representa um mau exemplo para as crianças de dois e três meses de idade.

2.º — Sabe-se que cada mosquito tem o seu dono, a sua casa, que tanto pode ser a minha como a sua, como a de qualquer pessoa. Bem, agarra-se num mosquito que não nos pertença e metese numa casa bastante espaçosa de uns cinco centímetros de largo por dois de altura e conserva-se o animalzinho encerrado durante quatro dias, duas noites, três horas, trinta minutos e cinquenta e oito segundos e meio.

Publica-se então nos jornais um anúncio sobre um mosquito perdido e, se durante esse tempo não aparecer o dono, agarra-se no mosquito e, depois de amarrar-lhe as mãos e os pés, põe-se-lhe um lenço na boca e dá-se-lhe uma injeção de fosforescência.

Como, em virtude deste processo, o mosquito dá uma luz intensa, os outros mosquitos encarregam-se de o tirar de tão incomoda situação, crendo ver nele um candeeiro aceso.



O chefe: — Como os seus esforços, no terreno desportivo, têm por fim o aperfeiçoamento da raça, vou aumentar-lhe o ordenado para que dê á Patria filhos, sãos e fortes.

O adivinho: — Muito obrigado, mas nos, os desportistas, não nos casamos senão quando já não servimos para nada.



I — Malaquias entra numa loja de barbeiro duma aldeota e vê que o artista para obter a espuma cóspe no sabão. II — Então que é isso, diz Malaquias. Cóspe no sabão? — Sim, senhor. Tenho essa consideração para com as pessoas de fora... III — Ora essa! — Com os freguezes cá da terra não estou com essas cerimónias; cuspo-lhes logo na cara para ir mais depressa.



— Não. Eu não salo tranquila enquanto o senhor não revistar o carro por baixo...

As adivinhas do "Diario de Lisboa,"



33ª — Não gosto de desmentir ninguém, mas no meu caso, nem andam no Arco da...

...bolás, nem por fóra dos sapatos..



34ª — Se o barro é fragil, eu sou um barro para o concertar.



35ª — Não me apoventa a carestia da vida. Tenho a despensa cheia como um ovo, e á borla.

BOM HUMOR

— Porque choras, menino
 — Porque a minha tia caiu pela escada abaixo.
 — Não chores... deixa lá. Não é nada de cuidado, graças a Deus.
 — Já sei. Mas é que o meu irmão viu-a cair e eu não.

— Então porque vens tão tarde da escola, Luis?
 — Foi uma senhora que perdeu dez mil réis e toda a gente se pôs a procurá-los...
 — Mas isso não é razão...
 — E' que tive que esperar que se fossem todos embora para lhes tirar o pé de cima.

— Oh! mulher, não te apoquentes. Daqui a três meses já o teu marido não está preso.
 — Pois é isso justamente o que me ralá!

Depois dum jantar diz o dono da casa para uma senhora:
 — Vamos ao jardim. Tomaremos um pouco de oxigenio.
 Ela: — Desculpe... Mas não costumo tomar nada depois de jantar.

— Onde vais tão depressa?
 — Ao enterro do chefe da minha repartição, que apreciava muito a pontualidade.

A força do habito no tribunal:
 — Acusado, levante a mão!
 — Contra quem, sr. juiz?...

— Come muito o cão?
 — Nem por isso! Esta manhã mordeu a perna do leiteiro... e até agora não comen mais nada.



O amigo: — Porque tem você isto aqui se a terra está inculta?
 A viúva: — E' a unica recordação de meu marido.

Prosa de Cha velho

Referindo-se á ultima corrida do Campo Pequeno, em que tomou parte Fuentes Bejarano, diz o jornal madrilenho *La Nacion* que «el diestro fué sacado en hombros desde la plaza al hotel»...

Estranharão os lisboetas este gesto de trazer um «espada» aos hombros desde o Campo Pequeno até ao hotel da «Baixa», mas o mesmo jornal publica uma historia que explica este e outros casos tauromaquicos que ninguém viu:

Chegou a Granada um cigano que, decidido a ver a corrida de touros que ali se realizava, comprou um bilhete de sol e se dirigiu para a praça. O que ali viu não é caso de descrevê-lo, e saiu afónico de gritar. Acabado o catastrophico festejo, tratou de se pôr a andar e, no dia seguinte, ainda de viagem, ouviu apregoar um jornal de Madrid. Comprou, passou por alto a politica, fixou-se nos casos de Asnero e, curioso, procurou a secção taurina.

— Cá está. Boa «sova» apanharão os toureiros!

E leu em voz alta:

«Granada. — O gado de Fulano manso. *Menganito*, no seu primeiro touro, deu lances valentes e suaves! As hastes roçavam os alamares do seu fato dourado. (Ovação merecida). Depois teve «quites» enormes. A «faena» de «muleta» foi indescritivel e a musica tocou em sua honra. Matou muito bem. (Encarne ovação, orelha, rabo, o delirio).

No segundo, «meteu-se dentro» do touro e entrou a matar de maneira asombrosa, dando uma estocada que fez o touro em pó...»

Ao chegar aqui, dobrou o cigano o jornal e disse com os seus botões:

— Caramba, que mal vemos nós, os aficionados. Se não chego a ler no jornal o que fez ontem o *Menganito*,

diria que a corrida foi má! Como os jornalistas sabem a verdade das coisas! Por isso dizem que a imprensa é o quarto poder... poder de dizer o que convém aos toureiros!

Não nos referimos ao ultimo espectáculo do Campo Pequeno para não termos que dizer duras verdades, mas transcrevemos da imprensa de Madrid a apreciação duma «coisa» semelhante á que aqui se exhibiu:

«Temos, muito a nosso pezar, que chamar a atenção da Empreza da Praça de Touros de Madrid; mas como somos justos e anunciámos ha tempo o proposito de que «cada palo aguante su vela», encaramo-nos hoje com os citados empregarios e dizemos-lhes: — Parece-nos muito mal o espectáculo que se celebrou na Praça de Touros.

O numero do fakir enterrado vivo é improprio da Meca taurina. Já na nossa praça se tem sepultado muitas falsas reputações e muitos falsos prestigios para que agora apareça um homem e se meta dois metros abaixo da terra.

Para enterrar fizeram-se as sepulturas nos cemiterios, e para o toureiro construíram-se praças especiais, que algumas vezes tambem parecem cemiterios...

O cronista tauromaquico não se occupará mais deste caso, pois só ao reporter de acontecimentos importa saber de crimes como este de enterrar um homem vivo.

Felizmente que em Madrid, a hora de se verificar o enterro do homem vivo, caiu tanta agua que se suspendeu o crime...

Isto diz o jornal de Madrid acerca do macabro espectáculo, semelhante ao que em Lisboa se deu anunciado como «Uma tourada sobre um covão».

Elevador da Gloria

A medida que o numero de medicos e de remedios aumenta, aumenta tambem a legião dos doentes. Antigamente, uma boa sangria e uma coseadura de ervas, com duas mãos do terra do cemiterio e três palavras de esconjuro, curavam todos os males físicos e morais que castigavam esta pobre humanidade infeliz.

Agora, é mais difficil curar uma bronquite de que morrer debaixo de um automovel. Vem o medico, olha-nos como o criminoso. Auscultamos os orgãos. Condena-nos á fome. Escreve uma receita mais comprida do que a légua da Povoa. Ao outro dia, volta. Abana a cabeça. Examina as urinas. Aconselha-nos uma radiografia. Quinze dias depois, se não estamos tão doentes, melhor é que não estamos. O farmaceutico da escola manda-nos a conta. O chefe da repartição communicamos que o serviço está em atraso. E a mulher, como estamos entre a vida e a morte, manda-nos a costureira e compra quatro metros de seda preta para o que der e vier.

Asuero parece querer simplificar toda esta engrenagem. A farmacia, o medico, o rapido para o outro mundo. Estará dentro da razão? Veremos.

Aqui cabe uma anedocta muito engraçada e bastante elucidativa. Havia dois medicos, pai e filho. O pai tinha uma clientela abundante e escolhida. Um dia, como adoesse, enviou o filho. Este, depois de subir trinta escadas, entrou numa casa escura, onde, gemendo e gritando, se encontrava um surdo, que o pai desveladamente tratava. O joven clinico examinou-o rapidamente. Sorriu. Era facil. Agarrou numa pinça e sacou da orelha do doente uma medonha aranha.

Quando chegou a casa, contou ao pai o que se passara. Foi o diabo.

— O meu melhor doente!
 — Mas o pai não sabia o que tinha?
 — Sabia! Sabia!
 — E então?
 — Então, meu filho, vive agora da carraça — já que não podes viver desse doente.



— Vês tu?, que paz!
 — E' verdade. Todos nos de xam tranquilos, até os peixes.

As adivinhas do "Diario de Lisboa,"



Ir buscar lá... Cronica dos tribunais Uma anedocta

Certo escravidão que tinha a infelicidade de não poder encostar as costas a parede, pesareso da sua desdita procurou na cirurgia as esperanças para a transformação do seu defeito, negado pela seneta e, cívico de angustias, resolveu como um eremita a um vilarejo afastado do mundo.

Uma velhota habitante daquelas solidões, adpta das curandeiros e feiticeiras, aconselhou o pobre homem a consultar uma bruxa milagreira que habitava numa gruta da montanha. E o pobre homem levando às costas a sua marreca foi consultar a feiticeira que logo lhe prometeu a cura, combatendo no entanto que ele devia estar presente no alto da montanha ao soar da meia noite, dando três assobios e se lhe apresentasse alguém diria ao fim que vinha. Combinado isto, o pobre marreco esperou pela aproximação da hora e foi seguindo para o alto daqueles montes.

As 12 horas da meia noite levando os dentes a boca se lhe três silvos estridentes que tiveram como resposta um berro como que saído das entranhas da terra. Então, temeroso nas esperanças, respondeu a voz que lhe perguntava a que vinha:

— Venho para ver se me tiras a marreca!

Neste momento o marreco da terra um diabo com as hastas a arder, chupando e fregando uma pata havendo agarrado o pobre pela marreca transportando-a a grande distancia onde o entregou a uma centena de diabos que começaram a fazer-lhe rodadas com um malho de ferro na marreca com tanta violência que a despataram.

Seguidos presentes, o marreco com tanta alegria que se não o era, sendo então transportado rapidamente ao mesmo sitio.

Dubidioso, seguiu a agradecer principalmente a feiticeira que havia sido a interprete da cura e seguiu imediatamente para a cidade, onde se apresentou triunfante.

Veloso Perfeito, também marreco, ao ver o seu amigo completamente livre desse defeito, inspirou, com a alma a transbordar de esperanças, como se tinha operado aquella cura.

O ex-amigo, amigo sincero, indicou ao amigo, que imediatamente se dirigiu ao logarejo com o fim de alcançar o mesmo beneficio por intermédio da bruxa.

Quatro dias passados, encontravase o ex-amigo na juncia da sua residência, quando viu aproximar-se com as costas amparadas por dois moços de frefes, a pau e varita, a pessoa do seu amigo.

— Então o que é isso? — inquiriu. E ele, fixo por de traz pelos moços, abrindo a juba a guisa de drama-dario, exclamou:

— O patife do diabo prosperou me com a tua marreca sobre a minha!...

Frederico Rodrigues.

Um grupo "Fixe"

O mais simpatico de todos os grupos fixes — o *Sempre Fixe* — comemora o S. João e o S. Pedro com uns folguedos na Quinta do Biaggi, á rua das Amoreiras.

Quero dizer: nos dias 22, 23, 24, 28 e 29, a Quinta do Biaggi passa a ser a Quinta dos *Sempre Fixes*.

Lá iremos fazer uma abigeos á Quinta.

Precauções



— Esconde-te bem, Celedonia, não vá ele cortar-te a cabeça.

Esta aberta a audiência!
Na tribuna de julgador, o juiz F. L. No banco dos réus, um individuo acusado de ter praticado um roubo.

O juiz interroga-o:

— Como se chama?

O réu não responde.

O juiz volta a repetir a pergunta, sem obter resposta.

O advogado, dr. C. P., declara que o seu constituinte é mudo e surdo.

— Nesse caso tenho de nomear um interprete...

— Se V. Exa dispensasse essa formalidade, eu respondia pelo arguido...

O magistrado acede ao pedido do defensor.

A ultima testemunha de accusação afirmou que o réu era um patife da pior especie, sendo bastante temido pelos seus maus figados.

Nesta altura, com a surpresa de toda a assistência, o réu levanta-se e exclama:

— Esta testemunha está a mentir, sr. juiz. Ela foi comprada para me desarrancar.

O juiz:

— Pelo que vejo, o depoimento da testemunha teve o milagre de o curar da surdez e da mudez!

Respondem em tribunal colectivo, com intervenção dos juizes T. M., H. P. e M. B., um homem que roubou um boi.

O advogado M. M., instando uma testemunha:

— Eu não posso compreender que se roube um boi... Lá que se rouba um automovel, ainda se pode compreender... Mas roubar um boi, que só anda quando o picam com o aguilhão, não compreendo! Se roubaram o boi foi porque ele quiz!

O delegado O. P.:

— Se o boi não está aqui a responder e porque eu me esqueci de dar quebra contra ele...

O advogado:
— Afinal, eu é que tenho de pegar o boi á unha... E, assim, tenho de fazer a sorte de gaiola e de me encarregar da sorte de capote!

Uma voz:

— Oh! Oh!

O illustre defensor continua o seu discurso:

— Como V. Exa vem, o irracional moveuse por sua livre e espontanea vontade, sem que a isso o obrigassem. Ora, sendo assim, o boi teve imensa culpa no caso que se debate, porque se ele não quizesse, não andava. Está provado que o boi deixou-se roubar por sua propria vontade e nesse caso não pode haver furto. Se não ha caracteristicas de furto para o boi, tambem não as pode haver para o meu constituinte!

Rematando a sorte, pediu a absolvição do réu.

Um julgamento presidido pelo juiz dr. H. R. Trafa-se de desavindas entre senhoras vizinhas.

Uma testemunha de accusação:

— Qual é a sua profissão?

— Deleticia!

— O que está a dizer...

— Eu não sei falar em politica, sr. juiz...

— Quer dizer, emprega-se no governo da sua casa... E' domestica!

— Exactamente!

— Diga o que sabe a respeito da accusação contra a ré?

— A ré é uma má mulher... Todas as vezes que me vê chama-me acaveirada...

O sr. dr. O. M., interrogando uma testemunha:

— O senhor disse que tinha assistido aos factos de que é accusada a ré?

— Sim, senhor! Eu e o meu secretario!

— A senhora testemunha é ministro?

— Sou proprietario!

Reflexão... terapeutica



-- Vem aí o Asuero... Foge ...

O rei D. João VI vestira-se de saio e fôra dar uma volta pela cidade.

No Terreiro do Paço junto do soberbo monumento a D. José, viu um sacerdote. Aproximou-se e, num dado momento, meteu conversa com o padre.

— Isto é a estatua ao senhor D. José?

— E' sim — diz o padre.

— E' muito linda. Vossa Reverendissima naturalmente vem cá muito vez á cidade e tem occasião de admirar esta beleza. Agora eu...

— Então o que cá vieste fazer? — perguntou o padre...

— Vim tratar de um negocio. E Vossa Reverendissima...

— Eu... venho cá falar com o Rei.

— Com o Rei?!

— Sim, homem. Venho pedir-lhe para me despachar para uma freguesia que vagou.

— E cre que o Rei o despacha...

— Sim.

— Mas, suponha V. R. que não.

— Não me faz diferença. Ha outra freguesia ainda.

— Mas suponha que Sua Magestade ainda lhe não dá essa.

— Não faz mal, homem. Ainda tenho uma terceira freguesia tambem vaga.

— Mas... desculpe V. Reverendissima, suponha que o Rei não o pode ainda despachar para essa.

— Deixa lá. Ainda tenho uma quarta freguesia.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

— Oh! sr. padre, Vossa Reverendissima desculpa. Mas suponha que o Rei ainda o não despacha para essa.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes !



— Então você anda a pedir dinheiro para o enterro da sua mulher, e já acabou de a ver agora mesmo...

— E' que eu, sr guarda, sou previdente, ando já a pedir dinheiro para quando ela morrer.



A excursão automobilista do Porto e o "Salon"

O passeio automobilista ao Porto foi, como excursão em conjunto, *très réussi*.

Estavam inscritos cerca de vinte



SENHOR GENERAL CRAVEIRO LOPES

automóveis. A hora oficial da partida largaram cinco.

Mas, ao contrário do que há anos sucedia com os automóveis que partiam aos dez e chegavam aos dois — partiam a meio de Lisboa e chegaram cedo ao Porto.

Contudo, desta baralha arrumada, resultou na capital norte-nha uma bela



FERNANDO ERMIDA

belíssima organizador da Secção Regional

festas de confraternização entre automobilistas do norte e do sul, podendo assegurar-se que foi bem inaugurada a Secção Regional do Norte do Automóvel Club de Portugal.

O passeio ao norte era automobilista e humorista. De facto, entre os seus componentes registavam-se:

Dr. Oliveira Monteiro — humorista de elite. Inconfundível *blagueur à froid*.

Joaquim Fernandes — a velha graça portuguesa...

Amaralhe — caricaturista. Sem adjetivos porque é da casa...

Nascimento Fernandes — humorista profissional.

Pereira de Carvalho — conselheiro humorista... do Ar.

Em Oliveira de Azeméis, a caravana era esperada por duas dezenas de automobilistas portugueses.

Nascimento Fernandes, que fora num carro completamente novo e que, portanto, não podia ultrapassar os 25 quilómetros à hora, interrogou os circunstantes sobre a distancia que medeava até ao Porto.

Informado de que ainda faltavam 50 quilómetros, quando o certo se pôs em marcha, despediu-se:

— «Aho amanhã, meus senhores!»

O almoço realizado na sede da Secção Regional do Norte da A. C. P. foi uma coisa extraordinária — digna de que se no Porto saíssem ofendeis.

Joaquim Fernandes, o grande inventor das *motuções*, fartou-se de *motuar* em silêncio.

Ao meu lado, um jornalista queixava-se de que: — *era pouca a shots d'ocorreu estar frita...*

O *Salon*, no Palácio de Cristal, teve um êxito público justíssimo.

Os *Isotras*, como grandes vedetas, estavam no paleo, 200 ou 270 contos! Os visitantes, nos stands dos carros bonitos, conservavam o apuro. Sentiam-se clientes possíveis que não queriam perder a sua autoridade...

Mas, diante dos *Isotras*, as poses desmoronavam-se. Faziam lembrar aqueles peizes que tem um tostão e entram na pastelaria onde, sob as bolhas a cinco tostões.

Um deles vi eu passar amorosamente a pontinha do dedo por um dos guarda-lamas. Não sei se depois lamben o dedo.

Há um mes, numa revista automobilista, foi-me dado conhecer o secretario da organização do *Salon* do Porto.

Manifestou um grande interesse em ser recebido pela direcção do A. C. P. Nessa mesma tarde lhe consegui satisfazer o desejo. Ficou-me muito grato.

Quando, na semana passada, no Palácio de Cristal, lhe pedi o cartão permanente de imprensa para o *Salon*, olhou-me com evidente desconfiança. Perguntou-me de que jornais era enviado e como me chamava.

O *Auburn* especial da corrida fez sucesso. Não houve automobilista de



DR. ANTONES GUIMARÃES

Director dos Automobilistas do Porto que todos desejam ver na presidencia da Secção Regional

verdade que não se achasse um minuto em ser major Segrave. E por oitenta contos não era um sonho muito caro!

O meu maior prazer nos *Salons* é destruir alguns vendedores.

No stand d'uma nova marca americana ouvi uma boa.

Um visitante perguntou coisas sobre os modelos expostos. A resposta foi tentadamente esta:

— isto é um carro esplendido. Tem travões hidraulicos e tem amortecedores hidraulicos. Não se faz melhor em parte nenhuma do mundo!

Conclui que o vendedor era tambem hidraulico. Daquelles que vendem carros debaixo de agua.

Nascimento Fernandes nunca se esquece daquele premio dum sorteio em



DR. NUNES DA PONTE

Governador Civil da Ilhota brásiliana pelas prosperidades do *Auburn* especial

que lhe coube um passeio a S. Valha num carro que nunca mais apparece. Quando, no Palácio de Cristal, elle



ALFREDO CUNHA

Organizador do *Salon* Automobilista do Porto e a melhor comida para se beber o chamado *Porto de Honra*

gostou em frente do stand da marca, declarou com pompa:

— «Aqui é o humido do automovel descomodado!»

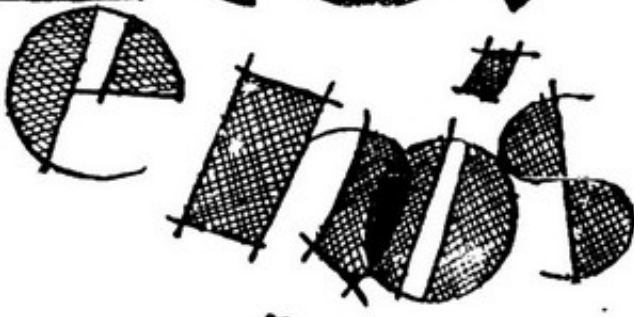
C. S.



Os mais fixos automobilistas do Sul

ECOS DA SEMANA

em Paris



ESPAÑA,
COM ARGENTINA,
APRESENTA OS
SEUS BAILADOS..

...E A SUA MUSICA
EM ORQUESTRA.

OS ITALIANOS
COM TULLIO
SERAFIM A
SUA OPERA.

O JAPÃO, COM FOUJITA
À FRENTE, UMA BELA EX-
POSIÇÃO DE PINTURA.

OS RUSSOS
COM
DIAGHILEW
A SUA AVAN-
ÇADA COREO-
GRAFIA.



PARIS
JUNHO
29